



Cinema e deficiência¹

Tancy Costa MAVIGNIER²

Fabíola TARAPANOFF³

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Resumo

Este trabalho pretende descobrir se as representações sociais das pessoas com deficiência mudaram no cinema. Os personagens com deficiência no cinema são representados de forma assistencialista, pelo discurso médico ou superação, raramente pela cidadania. Para tanto, será analisado, por meio da metodologia de estudo de caso, os filmes *Intocáveis* (2012) e *Ferrugem e osso* (2013) que modificam a forma de representar a pessoa com deficiência física. A fundamentação teórica inclui autores que abordam a questão das representações sociais como Serge Moscovici e das representações fílmicas como Edgar Morin e Jacques Aumont.

Palavras-chave: 1.Cinema; 2. Deficiência; 3. Representações.

Introdução

A deficiência tem ganhado espaço na mídia, em diversos meios de comunicação, como na televisão e no cinema. O tema tem despertado interesse tanto no jornalismo, quanto em obras de ficção. Na televisão, houve aumento do número de telenovelas com personagens com algum tipo de deficiência.

Segundo Silveira (2012), 16 novelas da TV Globo tinham personagens com algum tipo de deficiência seja intelectual, auditiva, visual e física. Das 16 novelas, seis foram realizadas entre 2000 e 2011. A novela em que a personagem com deficiência teve maior destaque foi *Viver a Vida*, escrita por Manoel Carlos.

A personagem Luciana, interpretada por Alinne Moraes, mostrava todo processo de alguém que fica tetraplégica, a readaptação, os direitos e que é possível voltar à rotina, trabalhar, ser mãe, modificando as representações das pessoas com deficiência nas novelas.

Até então, se representavam personagens com deficiência pelo assistencialismo, como “coitadinha”, mostrando as dificuldades de usar uma cadeira de rodas ou como a

¹ Trabalho apresentado no DT 4 - Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestranda em Comunicação - Área de Concentração: Processos Midiáticos - Linha de Pesquisa: Comunicação Midiática nas Interações Sociais na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).
Jornalista responsável pelo site Guia Inclusivo.

E-mail: tancy.costa@yahoo.com.br.

³ Doutoranda em Comunicação - Área de Concentração: Processos Midiáticos - Linha de Pesquisa: Comunicação Midiática nas Interações Sociais na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Professora dos cursos de Comunicação Social - Habilitações: Jornalismo e Relações Públicas no FIAM-FAAM Centro Universitário (Faculdades Integradas Alcântara Machado e Faculdade de Artes Alcântara Machado).

E-mail: fabiolapaes@uol.com.br.



deficiência fosse uma doença que pudesse ser curada. Outra representação comum é abordar pela óptica da superação, em que o personagem é supervalorizado mostrando somente como ele supera as barreiras.

Essas representações encontradas nas novelas fazem parte das representações sociais que circulam na sociedade e que são incorporadas pelos meios de comunicação. Essas mesmas representações também aparecem no cinema. Assim como as representações da pessoa com deficiência física modificaram nas telenovelas, as pesquisadoras procuram neste artigo identificar se elas também mudaram no cinema.

Há uma tendência de aumento no número de filmes que abordam a questão da deficiência. Se contarmos os filmes lançados nos cinemas brasileiros, do segundo semestre de 2012, até o começo de 2013, quatro filmes apresentam pessoas com deficiência como protagonistas: *Intocáveis*, *As sessões*, *Ferrugem e Ossos* e *Colegas*. No entanto, neste artigo resolvemos fazer um recorte nesse universo, analisando em profundidade duas obras que retratam a questão da deficiência: *Intocáveis* e *Ferrugem e Ossos*. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso das duas obras.

1. Deficiência e representações

Segundo o IBGE (Online, 2013) no Censo de 2010, existem 45,6 milhões de pessoas com deficiência no Brasil. O que representa 24% do total da população brasileira. Dessas, cerca de 36 milhões têm deficiência visual, 13 milhões deficiência motora, 9 milhões deficiência auditiva e 2 milhões deficiência visual.

Já na França, em 2006, dos 63 milhões de habitantes que existiam 5 milhões tinham alguma deficiência. Assim, a porcentagem de pessoas com deficiência na França representa cerca de 8% do total da população.

Não é possível comparar os números e porcentagem das pessoas com deficiência no Brasil e na França, pois estes valores dependem de diversas condições sociais, econômicas e históricas. No entanto, esses números comprovam que o grupo das pessoas com deficiência representa uma parcela considerável de brasileiros e franceses.

Logo os meios de comunicação aumentaram o espaço dedicado ao tema. O mesmo ocorreu no cinema, com o aumento do número de filmes que contam histórias de pessoas com deficiência. Percebe-se que as representações sobre as pessoas com deficiência no cinema se modificaram ao longo do tempo.



Segundo Moscovici (2004), as representações sociais são um processo coletivo (realizado por um grupo de indivíduos), dinâmico (se modifica) e histórico. Para compreender quais são essas representações é necessário resgatar, brevemente, as modificações na forma como a pessoa com deficiência é representada ao longo da história.

Ignarra, Contri e Bathe (2010) simplificam o período histórico em seis grandes períodos: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna, século XX, década de 60 e século XXI. Damos destaque aos períodos de transição das representações sociais. Na Antiguidade Clássica, na Grécia e em Roma pelos ideais de perfeição era comum a eliminação de crianças com deficiência.

Já na Idade Média, quando o Cristianismo ganha força, são criados hospitais de caridade e abrigos ligados a Igreja que cuidavam de crianças com deficiência abandonadas. A pessoa com deficiência era vista, ora como “coitadinha”, ora como “castigadas pelo pecado”. Surge nesse período a representação do assistencialismo, de enxergar quem tem deficiência com o olhar de pena, de vítima, de inferioridade.

Com o Iluminismo, na Idade Moderna houve grande desenvolvimento científico, foram criadas tecnologias assistivas para melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência. Surge a representação da normalização, do modelo médico em que a deficiência é representada como uma doença, assim a medicina procura a cura, eliminando-a.

No século XX, depois das duas Guerras mundiais e da Guerra do Vietnã, com soldados que voltaram feridos e com deficiência, o tema gerou amplo debate nos Estados Unidos e no mundo. Nos anos 1960 são criados tratamentos de reabilitação, “escolas especiais” e associações esportivas. Em 1960, é realizada pela primeira vez a edição dos *Jogos Paraolímpicos*. Com as competições esportivas surge a representação da superação, em que a pessoa com deficiência é representada como vencedor, mito, valorizada todas dificuldades para conseguir a vitória.

Em 1981, a ONU (Organização das Nações Unidas) instituiu o *Ano Internacional das Pessoas Deficientes*, que gerou debates e a representação da cidadania começa a circular na sociedade. Nessa representação a pessoa com deficiência é vista como um ser humano completo, um cidadão com deveres e direitos.

As representações das pessoas com deficiência mais comuns são do assistencialismo, da normalização, da superação e da cidadania. Como elas são um fenômeno cultural, dinâmico que circula na sociedade, as representações surgem, podem perder ou ganhar



força conforme o contexto. As pesquisadoras buscarão identificar qual dessas representações aparecem nos filmes franceses selecionados. Mas antes é preciso compreender melhor como o cinema trabalha a questão das representações.

2. Cinema e representações

Prática mágica espontânea do espírito que sonha, reinado de aspirações, medos e desejos. Assim Edgar Morin descreve a sétima arte no capítulo “A alma do cinema”, da obra *O cinema ou o homem imaginário*. Para Morin, o cinema tornou-se tão popular no século XXI, pois é o reino das “projeções identificações” ou “participações afetivas”:

A zona das participações afetivas é a zona das projeções identificações mistas, incertas, ambivalentes (...) Basta considerarmos o amor, projeção-identificação suprema; identificamo-nos com o ser amado, com as suas alegrias e tristezas, sentindo os seus próprios sentimentos; nele nos projetamos. Isto é, identificamo-lo conosco, amando-o com todo amor que a nós próprios dedicamos (...). Os objetos inanimados estão impregnados da sua alma e obrigam-nos a amá-los. (MORIN, 1970, p. 110).

Apesar de ser herdeiro da fotografia, o cinema apresenta uma dinâmica própria da realidade. Como explica Ismail Xavier em *O discurso cinematográfico*: a opacidade e a transparência, o cinema foi celebrado desde a sua invenção não somente pelo seu realismo, mas pela sua capacidade de reproduzir uma propriedade essencial à natureza, que é o movimento:

O conjunto de imagens impresso na película corresponde a uma série finita de fotografias nitidamente separadas; a sua projeção é, a rigor, descontínua. Este processo material de representação não impõe, em princípio, nenhum vínculo entre fotografias sucessivas. A relação entre elas será imposta pelas duas operações básicas na construção de um filme: a de filmagem, que envolve a opção de como os vários registros serão feitos, e a montagem, que envolve a escolha do modo como as imagens obtidas serão combinadas e ritmadas (XAVIER, 2005, p. 19).

O cinema não cria só uma nova temporalidade, mas também novos espaços, estabelecendo diversas dimensões dinâmicas, superando muitas vezes sua natureza de índice, ao apresentar cenas que nunca existiram na realidade. Outro traço fundamental da sétima arte é a sua natureza intersemiótica, pois o filme se compõe da mistura de linguagens. Além de estar em movimento, a imagem aparece junto a sons diversos como os diálogos dos personagens, a música e os ruídos presentes em uma cena. Essa hibridização de linguagens permitiu que o cinema sedimentasse sua vocação narrativa, apresentando histórias ficcionais e o colocando a par de recursos presentes na narrativa literária.



Como apresenta imagens obtidas a partir da realidade, a representação fílmica é mais realista do que outras formas de representação, como o teatro e a pintura. Portanto, mesmo que fictícias as representações que vemos no cinema, identificamos como reais, pois elas guardam um índice direto com a realidade. E por isso as representações ajudam a entender a sociedade em que vivemos:

De fato, é na medida em que o cinema tem a capacidade para reproduzir sistemas de articulações sociais que foi possível dizer que ele substituíria as grandes narrativas míticas. A tipologia de um personagem ou de uma série de personagens pode ser considerada representativa não apenas de um período do cinema como também um período da sociedade (AUMONT, 1995, p.30).

Essa narrativa pode ser apresentada de duas formas pelos diretores, como explica Aumont, citando o texto de André Bazin: “os que acreditam na imagem” e os que acreditam na realidade”. O cinema dos que “acreditam na realidade”, é o que segue o princípio da transparência. No entanto, como às vezes o real é ambíguo, é necessária a intervenção do diretor, para que uma sequência torne-se mais “clara” para o espectador. Isso é feito por meio da decupagem clássica, que busca uma lógica na sequência e apresenta os efeitos de forma tão natural, que parece que estamos vendo algo diretamente apresentado da realidade.

Qualquer que seja o filme, seu objetivo é dar-nos a ilusão de assistir a eventos reais que se desenvolvem diante de nós como na realidade cotidiana. Essa ilusão esconde, porém, uma fraude essencial, pois a realidade existe em um espaço contínuo, e a tela apresenta-nos de fato uma sucessão de pequenos fragmentos chamados “planos”, cuja escolha, cuja ordem e cuja duração constituem precisamente o que se chama de “decupagem” de um filme. Se tentarmos, por um esforço de atenção voluntária, perceber as rupturas impostas pela câmera ao desenrolar contínuo do acontecimento representado e compreender bem por que eles nos são naturalmente insensíveis, vemos que toleramos porque deixam de subsistir em nós, de algum modo, a impressão de uma realidade contínua e homogênea (BAZIN, 1972, pp.66-67).

3. Cinema e deficiência

Criado em 1895 pelos irmãos Lumière, o cinema tem encantado gerações por mostrar a realidade e também materializar sonhos em imagens. Por ser uma arte que mostra a realidade, a questão da deficiência física foi abordada desde os seus primeiros anos da sétima arte. Um tema que era bastante explorado na narrativa cinematográfica era a questão de mendigos que se passavam por deficientes físicos.

Em 1898, foi exibido em Nova York o filme que pode ter sido o primeiro a abordar o tema: *Fake beggar*, de Thomas Edison, um dos maiores inventores de todos os tempos e responsável pela criação da lâmpada elétrica. O filme com 50 segundos utiliza a questão



da deficiência física como elemento humorístico, com o mendigo fingindo ser cego. A temática esteve presente em outros filmes no início do século XX, como *The beggar's deceit*, dirigido por Cecil Hepworth e que mostra um mendigo recuperando milagrosamente a capacidade de andar e que é perseguido por um policial ao descobrir a fraude.

Em 1902, as narrativas no cinema apresentam mudanças, devido às melhorias tecnológicas e novos posicionamentos de câmera. Um dos vídeos que chama a atenção é *Deaf mute girl reciting Star spangled banner (Garota muda recitando Bandeira estrelada e listrada)*, em que uma jovem recita durante 75 segundos o hino norte-americano utilizando a linguagem dos sinais. Em 1909, o filme *A cork leg legacy (Uma prótese de perna como legado)* mostra novamente a visão estereotipada sobre a deficiência. Uma mulher rica, que teve a perna amputada morre e deixa como legado apenas sua prótese para o marido. Revoltado, ele joga a perna pela janela e um mendigo que estava passando a leva. Depois ele descobre que ela havia deixado um cheque no valor de 100 mil dólares dentro da prótese e persegue o mendigo.

Uma tendência presente em Hollywood a partir dos anos 1920 foi mostrar pessoas com deficiências severas, com amputação de membros e formas grotescas ou monstruosas. Considerado um *cult* do gênero horror, *Freaks* (1932), de Tod Browning é um bom exemplo. O diretor utilizou na obra personagens reais do circo característicos como gêmeos siameses, anões e gigantes. O filme acabou sendo um desastre nas bilheterias, mas outros filmes sobre “monstros” fizeram sucesso na época, como *Frankenstein*, dirigido por James Whale e que mostrava um homem construído pelo Dr. Frankenstein com restos mortais de outras pessoas e *Drácula*, dirigido por Browning e com Bela Lugosi no papel principal.

Em *A noiva de Frankenstein*, surge outro cientista, Dr. Pretorius e sua assistente, que possui deficiência e manca de uma perna, Minie e Karl, responsável por encontrar o corpo de uma mulher, para que o cientista lhe dê vida. O monstro que havia fugido faz amizade com um ermitão cego, que é o único que “enxerga” sua bondade.

Um filme marcante sobre a questão da deficiência, tratando-a como uma monstruosidade é *O corcunda de Notre-Dame*, baseado no romance de Victor Hugo (1831). O filme ganhou desde 1905 pelo menos 13 versões para o cinema, sendo as mais lembradas as de 1923, de Wallace Worsley; de William Dieterle (1939), de Jean Dellanoy (1957) e o desenho animado dos estúdios Walt Disney (1995). Quasímodo, que possui múltiplas deficiências, apaixonou-se pela cigana Esmeralda e tenta protegê-la



do religioso Dom Claude Frollo, que vive em conflito com o celibato, pois sente desejo pela cigana. Quasímodo é a representação do deficiente nas primeiras obras do cinema: visto como um excluído pela sociedade, estranho, *outsider*. Nas primeiras versões o personagem era perverso, mas nas últimas, ele passa a ser retratado como alguém de bom coração.

Outros filmes que trazem vilões com deficiência são obras cinematográficas que trazem piratas, como *A ilha do tesouro* (1950) e *Retorno à ilha do tesouro* (1953), ambos de Byron Haskin, com base na obra do escritor escocês Robert Louis Stevenson. Os filmes trazem o pirata Long John Silver: “Pirata da perna-de-pau/Com o olho de vidro/A cara de mau”, como diz a popular canção infantil e sempre trazendo um papagaio no ombro. A série *Os piratas do Caribe* atualizou a imagem do pirata, trazendo o bom humor de Johny Depp, mas muitos piratas continuam maus e são caracterizados como deficientes, como o Capitão Gancho, de *Peter Pan*, desenho animado dos estúdios Walt Disney. É emblemático também o personagem Dr. No em *007 – James Bond contra o satânico Dr. No* (1962 - Direção: Terence Young), em que o cientista gênio tem o braço amputado e usa uma prótese biônica e quer destruir o programa espacial norte-americano, podendo ser detido apenas por James Bond.

Outras obras que merecem ser lembradas são: *Dr. Fantástico* (1964), de Stanley Kubrick, em que Peter Sellers interpreta três personagens, sendo um deles um ex-cientista nazista que se locomove por meio de uma cadeira de rodas e que possui um braço biônico e *O homem-elefante*, de David Lynch (1980). O último filme mostra a história de John Merrick, que tinha a rara Síndrome de Proteus, que causa anomalias no crânio e gigantismo parcial das mãos e dos pés. Sua aparência diferente é explorada com fins de exibição comercial e com o tempo o personagem quer ser reconhecido e amado por outras pessoas. Mas a aparência estranha o conduz ao isolamento.

Aos poucos começam a aparecer filmes que procuram “humanizar” as pessoas com deficiência, retratando também seus dramas pessoais. São obras que mostram acidentados, veteranos de guerra e amputados. Um filme bem emblemático é *Amargo regresso* (1978), de Hal Ashby, que traz o ator Jon Voight como Luke, ex-combatente de guerra do Vietnã que se tornou paraplégico e retorna da guerra. Quando chega em sua cidade, ele reencontra Sally (Jane Fonda), antiga amiga que agora é enfermeira e está casada, mas o marido ainda está lutando na guerra. Os dois iniciam um romance e Sally o ajudará a conviver com sua deficiência.



Muitos filmes abordam esse assunto, como *Marcas do destino* (1985), de Peter Bogdanovich e *Nascido em 4 de julho* (1994), de Oliver Stone. *Forrest Gump: o contador de histórias* (1994), de Robert Zemeckis, traz como protagonista Forrest (Tom Hanks, vencedor do *Oscar* de Melhor Ator pelo papel), que possui Q.I. abaixo da média e com problema nas pernas, sendo alvo de *bullying* e precisando usar prótese na infância. Mas mesmo assim consegue ter sucesso em sua vida e conhecer grandes personalidades devido à sorte e sua persistência e da mãe. A obra mostra ainda um homem amputado, o Coronel Dan, que no início se revolta por ter perdido as pernas na Guerra do Vietnã, mas depois passa a aceitar a situação, passa a usar próteses de titânio e se casa.

Destaque para o filme *Meu pé esquerdo* (*My Left Foot*, 1989), do diretor irlandês Jim Sheridan, Irlanda, que trouxe o ator Daniel Day Lewis no papel principal, sendo que ele recebeu o *Oscar* de Melhor Ator em 1990. Lewis interpreta Christy Brown, portador de paralisia cerebral, pintor e escritor irlandês, nascido em uma família pobre em Dublin, na década de 1930. Ele se revela intelectualmente por meio de suas telas pintadas com o pé esquerdo, uma das únicas partes do corpo que apresenta certa independência.

No decorrer do enredo, por meio do seu esforço pessoal, ele prova para a sua família ainda quando era criança que o seu impedimento era apenas físico/motor e não intelectual ou mental, como muitos acreditavam. Em uma cena do filme, ao escrever com um giz entre os dedos do pé esquerdo no chão de sua casa, a palavra *mother* (mãe em inglês), foi reconhecido como alguém que dispunha do seu cérebro para pensar e aprender. Com esse gesto ganha o reconhecimento do pai, que só a partir desse instante afirma que ele era um membro da família. Um dos méritos do filme é não mostrá-lo como um herói, mas como uma pessoa qualquer, que fuma, bebe e se apaixona por sua terapeuta e fica ofendido quando é rejeitado por ela.

Outros marcos no cinema sobre o tema são: *The waterdance* (Direção: Neal Jimenez e Michael Steinberg), baseado na vida de Jimenez, roteirista norte-americano que ficou paraplégico após uma fratura de pescoço, com Eric Stoltz no papel principal e *O escafandro e a borboleta* (Direção: Julian Schnabel), filme francês de 2007, sobre o editor da revista *Elle*, Jean-Dominique Bauby, que sofre um derrame e torna-se paralítico. Os dois filmes mostram de forma realista como vivem as pessoas com paralisia. Não como heróis, mas como seres humanos que são, com suas virtudes e defeitos. A questão da deficiência física ainda foi abordada em *O domador de cavalos* (Direção: Robert Redford, 1998) e *O óleo de Lorenzo* (Direção: George Miller, 1992).



Já a deficiência mental é tema de *Uma Lição de Amor*, com Sean Penn (Direção: Jessie Nelson, 2001) e *Rain Man* (Direção: Barry Levinson, 1988), em que Dustin Hoffmann interpreta um autista que tem grande facilidade com números e consegue ajudar o irmão interpretado por Tom Cruise a fazer uma verdadeira fortuna. O papel rendeu o *Oscar* de Melhor Ator em 1989 a Dustin Hoffman.

Entre os filmes que abordam a deficiência visual estão: *Dançando no Escuro* (Direção: Lars Von Triers, 2000) com a cantora islandesa Björk; *À primeira vista* (Direção: Irwin Winkler, 1999), com Val Kilmer e o duro aprendizado de um homem que se tornou cego a voltar vê e *Perfume de Mulher* (Direção: Martin Brest, 1992), que traz Al Pacino como um o tenente-coronel cego Frank Slade. Pacino ganhou o *Oscar* de Melhor Ator pelo trabalho, ao protagonizar uma das cenas mais belas do cinema, ao dançar de forma inesquecível ao som do tango *Por una cabeza*, de Carlos Gardel e Alfredo Le Pera.

É perceptível que obras que tratam sobre as deficiências sempre foram bem acolhidas pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Bons exemplos são filmes sobre a questão da surdez, como *Os filhos do silêncio* (Direção: Randa Haines, 1986), em que Marlee Matlin (deficiente auditiva de verdade) ganhou o *Oscar* de Melhor Atriz, assim como Holly Hunter, que ganhou o prêmio como a pianista surda em *O piano* (Direção: Jane Campion, 1993). Vale lembrar do filho surdo do personagem de Richard Dreyfuss em *Mr. Holland - Adorável Professor* (Direção: Stephen Harek, 1995), em que ele faz uma sinfonia de luzes da música *Beautiful boy*, de John Lennon, para que ele sinta a canção.

Entre os filmes nacionais vale lembrar *Feliz Ano Velho* (Direção: Roberto Gervitz, 1997), baseado no livro do escritor Marcelo Rubens Paiva, em que ele relata como ficou paraplégico e *Janela da alma* (Direção: João Jardim, 2001), documentário sobre a cegueira e que mostra a vida de personalidades como Hermeto Pascoal. Entre os mais recentes destaque para *Ensaio sobre a cegueira* (2008, com produção também do Japão e do Canadá), baseado na obra de José Saramago e dirigido por Fernando Meirelles e *Colegas* (Direção: Marcelo Galvão, 2012), com Ariel Goldenberg, portador de Síndrome de Down que foge de estereótipos, roubando bancos e tendo uma vida como fora-da-lei.

4. Estudos sobre os filmes *Ferrugem e osso* e *Intocáveis*



Ferrugem e osso

Considerado um dos grandes filmes da nova geração do cinema francês, *Ferrugem e osso* (*De Rouille et D'Os*, França/Bélgica, 2012) traz Marion Cottillard, protagonista de Édith Piaf em *Piaf: um hino ao amor*. Cottillard interpreta de forma brilhante a treinadora de baleias Stéphanie, que conhece Ali (Mathias Schoenarts), segurança de um clube noturno, após uma briga. Gentil, ele ajuda a cuidar de seus ferimentos e a conduzir até a sua casa. Lutador nas horas vagas, Ali tem um filho e mora na garagem da casa da irmã. Tempos depois, Stéphanie sofre um acidente e tem suas pernas amputadas. Ela lembra da gentileza de Ali e o contrata para ajudá-la em sua nova vida. A escolha é motivada pois ele a conheceu antes de sofrer o acidente e como é um homem simples, não a vê com piedade, mas como uma outra pessoa. Esse seu comportamento um pouco rude e sem refinamentos, faz com que ela saia da depressão que apresenta desde que se tornou deficiente e passa a ver a vida com novos olhos. Stéphanie volta a usar vestidos e a dançar em sua própria cadeira de rodas.

A partir daí surge um relacionamento entre os dois, delicado e divertido, que não segue convenções sociais. Destaque para a cena em que ele a leva para tomar banho de mar, depois da personagem passar tempos reclusa dentro de sua casa e quando visita novamente o lugar em que trabalhava e em frente ao aquário que treinava a baleia, faz sua coreografia. Um ponto forte do filme é como aborda a questão da sexualidade, que a personagem resgata com Ali, que por não ter refinamentos, não vê nenhuma diferença de Stéphanie em relação a outras mulheres. Dirigido por Jacques Audiard, o filme foi indicado à Palma de Ouro no *Festival de Cannes* e ganhou o prêmio *Hollywood Film Festival* na categoria *Melhor Atriz do Ano*.



Intocáveis

O filme *Intocáveis* foi produzido na França em 2011 e se tornou recorde de bilheteria nacional e internacional. Os intocáveis teve a maior bilheteria internacional do país, desde *O fabuloso destino de Amélie Poulin*. Foi assistido por 23,2 milhões de espectadores estrangeiros. Na França, 20 milhões foram ver a película no cinema.

No Brasil, aproximadamente um milhão de pessoas assistiram nas salas de cinema. O longa-metragem é baseado na história do milionário tetraplégico, Philippe Pozzo di Borgo, e de seu enfermeiro Abdel Selou. Antes de virar filme, a história foi usada no documentário *À la vie, à la mort* (2004) e depois foram lançados dois livros que se tornaram best-sellers. O livro escrito por Philippe chama-se *O segundo suspiro*.

No longa, Philippe (François Cluzet) é um milionário tetraplégico que procura cuidador para ajudar com suas tarefas diárias. Driss (Omar Sy) é argelino, vive no subúrbio de Paris com sua tia e primos. Ele é ex-presidiário e para conseguir o benefício do seguro desemprego precisa ser reprovado nas entrevistas de emprego.

Driss e Philippe se conhecem quando o milionário está selecionando um novo cuidador, Driss invade o escritório e pede que assinem o documento para que ele receba o seguro desemprego. Enquanto diversos candidatos falam de suas experiências cuidando de pessoas idosas, favoráveis à inclusão social com ar de superioridade. Quando ele volta para buscar o documento para ganhar o seguro desemprego, Philippe pergunta “Não o incomoda viver às custas dos outros?”, Driss pergunta “E a você?”. Em diversas cenas, há falas que levam a reflexão sobre como é ser tetraplégico.

Philippe contrata Driss pelo seu jeito irreverente e porque ele o trata como um ser humano qualquer e não como um “pobre coitado”. O filme mostra de forma bem



humorada como é a vida de alguém que é tetraplégico, que precisa de ajuda para tomar banho, se vestir. Também trata de questões como é a sensibilidade de quem tem deficiência. Em uma cena, Driss joga água quente na perna de Phillippe para testar se ele não sente as pernas. São discutidas ainda questões tabus, como sexo e que existem outras formas de viver plenamente a sexualidade.



Uma cena interessante é a que o advogado pergunta a Phillippe porque contratou Driss, apesar de ele já ter sido alertado que o “pessoal da periferia não tinha compaixão” e que o rapaz tinha antecedentes criminais e era irresponsável. Phillippe responde:

“É o que eu quero. Nenhuma compaixão. Ele sempre me passa o telefone. Sabe por quê? Ele esquece. Tem razão, ele não sente dó de mim”. Em diversas cenas, aparece a crítica ao assistencialismo, a visão da pessoa com deficiência como digna de pena.

Eles tornam-se amigos e Driss motiva Phillippe a reencontrar o prazer de viver. O cuidador o leva para passear à noite, correr de carro, correr de cadeira de rodas, saltar de parapente e a encontrar a moça com que se correspondia.

O filme é uma crítica à sociedade que enxerga a pessoa com deficiência como coitadinha, doente ou como alguém que supera todas as situações. Em *Intocáveis*, Phillippe é visto como um ser humano completo, que passa por crises por não aceitar sua condição, que aprende a sentir o prazer de viver. Driss o trata com naturalidade, não é politicamente correto, mostrando outra maneira de representar a pessoa com deficiência.

A maior parte dos filmes que tratam sobre deficiência é classificada como drama. Já *Intocáveis* é uma mistura de dois gêneros cinematográficos comédia e drama. Por ser comédia o tema é tratado de maneira leve, alegre, sem deixar de mostrar as dificuldades reais de quem é tetraplégico.

5. Conclusões

Ao analisar em profundidade duas das mais recentes obras do cinema francês, as pesquisadoras puderam observar uma mudança na representação dos deficientes físicos pelo cinema. Nas primeiras obras havia uma representação do deficiente relacionado à questão da perversidade, como exposto por Paul K. Longmore, pesquisador da University of Southern California: “Entre as mais persistentes é a associação de deficiência e malevolência. Deformidade do corpo simboliza deformidade da alma. Deficiências físicas são transformadas em emblemas do mal.” (apud ALBUQUERQUE, 2008, p. 31).

Surgem depois novas caracterizações, mas mesmo assim persiste o estereótipo da pessoa que é atingida por uma tragédia e precisa refazer sua vida. Ou da pessoa que já nasce deficiente e tenta superar essa deficiência, como se fosse um superherói.

Os filmes analisados procuram mostrar a questão de forma menos estereotipada, lembrando que o estereótipo é, conforme explica Walter Lippmann em *Opinião Pública*: “Os estereótipos estão, portanto, altamente carregados com os sentidos que estão presos a eles. São as fortalezas de nossa tradição e atrás de nossas defesas podemos continuar a sentir-nos seguros na posição que ocupamos” (LIPPMANN, 2008, p.97).

A obra *Ferrugem e osso* é interessante, pois foge de estereótipos: em alguns momentos mostra ela superando de forma positiva o acidente que sofreu, em outros mostra ela olhando outras mulheres dançando e se sentindo triste por não poder mais fazer o mesmo com suas próprias pernas. Também mostra que apesar da força física de Ali, que depois trabalha como lutador, sua fortaleza é Stéphanie, que com sua inteligência, consegue administrar sua nova carreira, conseguindo novas lutas e cuidar de seu filho, de um relacionamento anterior.

O filme *Intocáveis* também não reproduz estereótipos, e representa a pessoa com deficiência como cidadã, pelo paradigma da inclusão em que é vista como um ser humano completo. O longa mostra a forma como quem tem deficiência não quer ser tratado seja pelo assistencialismo com dó, pelo modelo médico como “doente” ou “anormal”, ou valorizando as dificuldades que são superadas.

Logo, percebe-se uma mudança na representação da pessoa com deficiência no cinema. Os filmes franceses *Intocáveis* e *Ferrugem e Ossos* representam a pessoa com deficiência como ser humano completo, com fragilidades e habilidades, mostram que



este grupo pode viver de forma plena, encontrar um amor, fazer amizades. Quebrando os estereótipos de quem tem deficiência vive isolado, ou das representações assistencialistas, do modelo médico ou da superação.

As representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mais também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico. (MOSCOVICI, 2004, p. 21).

A mudança nas representações da pessoa com deficiência no cinema é importante, pois estas circulam na sociedade e modificam a forma como as pessoas enxergam quem tem deficiência. Portanto, se nos filmes existe uma alteração na forma como a pessoa com deficiência é representada, sem estereótipos, esta representação é compartilhada pelos indivíduos, pela sociedade e afetam como a pessoa com deficiência se relaciona consigo mesma. Podendo reconstruir a própria identidade e mudar a forma como se enxerga. As mudanças nas representações sociais são graduais, entretanto os meios de comunicação, as artes e o cinema podem auxiliar neste processo cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Marcio Alves de. **A pessoa com deficiência e suas representações no cinema brasileiro**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Comunicação Social. Centro de Educação e Humanidades. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2008. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1206>. Acesso em: 16 mai de 2013.

AMARAL, Lígia Assumpção. **Conhecendo a deficiência**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

AUMONT, Jacques et al. **A estética do filme**. Campinas, SP: Papirus, 1995. 3ª edição.

BAZIN, André. **Orson Welles**. Paris: Ed. du Cerf, 1972.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. **Educação e espiritualidade: pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência**. São Paulo: Paulus, 2009.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Da imagem, à imaginação e ao imaginário: elementos-chave para os estudos em comunicação e cultura.” pp. 33-48. In: BARROS, Laan Mendes de (Org.) Diversos autores. **Discursos midiáticos: representações e apropriações culturais**. São Bernardo do Campo (SP): Editora da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2011.

FERRUGEM e osso. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-172976>>. Acesso em: 16 de mai de 2013.

FIGUEIRA, Emílio. **Filmes sobre deficiência que marcaram a história da 7ª arte**. Disponível em: <<http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=17124>>. Acesso em: 16 mai de 2013.



GUGEL, Maria Aparecida. **A pessoa com deficiência e a relação com a história da humanidade**. Disponível em: <http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php>. Acesso em: 5 de abr. 2013.

IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170>>. Acesso em: 16 de mai. 2013.

IGNARRA, Carolina; CONTRI, Tabata; BATHE. **Inclusão: conceitos, histórias e talentos das pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: Qualymark, 2009.

LE handicap en France: définitions et chiffres. Disponível em: <<http://www.gereso.com/ressources-humaines/le-handicap-en-france-definitions-et-chiffres.html#ixzz2TZlSJjeo>>. Acesso em: 06 de mai. 2013.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**: ensaio de antropologia. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

OS INTOCÁVEIS bate recorde de bilheteria de "Amélie" fora da França. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/11/os-intocaveis-bate-recorde-de-bilheteria-de-amelie-fora-da-franca.htm>>. Acesso em: 16 mai de 2013.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Construindo uma sociedade para todos**. 8ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

_____. Intocáveis inclusivos. **Revista Reação**. Disponível em: <<http://www.revistareacao.com.br/website/Edicoes.php?e=88&c=884&d=0>>. Acesso em: 14 de mai de 2013.

SILVEIRA, Bruna Rocha. **Entre a vitimização e a divinização: a pessoa com deficiência em Viver a vida**. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – PUC, Porto Alegre, 2012.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema** (Org.). Diversos autores. A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilmes, 1983.